

Igreja e
Movimentos
Populares:

Mutirão por
TERRA



14 de
junho de
2023

Das 9h às 12h
online, mediante inscrição

Igreja e
Movimentos
Populares:

Mutirão por
TETO



14 de
junho de
2023

Das 14h30 às 17h
online, mediante inscrição

misereor
GEMEINSAM GLOBAL GERECHT



Igreja e
Movimentos
Populares

Mutirão por
TRABALHO



15 de
junho de
2023

Das 9h às 12h
online, mediante inscrição

misereor
GEMEINSAM GLOBAL GERECHT



RELATÓRIO

Diálogos Igreja e Movimentos populares 6ª Semana Social Brasileira

*Elaboração:
Nívea Martins
Pe. Dário Bossi
Alessandra Miranda*



Participantes: 51 pessoas.

Pauta

Acolhida; apresentação do objetivo e programação.

Exposição dom Valdeci.

Escuta dos Movimentos Populares: Terra/território:

Principais desafio e estratégias de atuação/resistência;

Como a igreja em conjunto com os movimentos populares pode fortalecer a luta pela TERRA?

Apresentação dos acúmulos sobre Terra 6ªSSB.

Agradecimentos e encerramento

Mística

Alegria é uma forma de resistência

<https://www.youtube.com/watch?v=ZZ5nszyHSIw>

Reações dos participantes

- Campo, lugar bom de viver.
- Comida saudável: direito do povo, dever do estado, compromisso Camponês!
- Ancestralidade é resistência e compreender isso, é motivo de alegria. "Me alegro por ser/está e dou graças pelas resistências ancestrais e também dos povos e comunidades tradicionais: povos da terra, das águas e das florestas".
- Alegria viva é resistência e esperança.

Exposição: dom José Valdeci

É um momento de esperança, de solidariedade e de compromisso estarmos juntos e juntas daqueles e daquelas que mais sofrem. Solidariedade e respeito! Nós, enquanto comunidades tradicionais de base, movimentos e pastorais, devemos tecer a teia da solidariedade. Precisamos nos esforçar para que essa solidariedade fique em nossos corações. A encíclica Fratelli Tutti o Papa Francisco nos convida a fazer a reflexão, que não se envolveu na guerra dialética impondo doutrinas, mas em comunicar o amor de Deus. O Papa Francisco, fala ainda que o mundo existe para todos, porque todos nós, seres humanos, nascemos nesta terra com a mesma dignidade. Nosso compromisso como movimentos sociais é lutar para que prevaleça em todas as pessoas o bem maior: Terra e Território.

Escuta dos Movimentos Populares: Terra/Território

Laura Juanita - Movimento de Mulheres Camponesas: através do movimento feminista camponês, trazemos a ótica da luta social, do patriarcado e da misoginia. No aspecto dos territórios, esse processo impacta através da falta de acesso às políticas sociais, do racismo, da marginalização, da falta de educação, todas as formas de violência, como a violência física, patrimonial, psicológica, social etc. Estamos realizando um processo de fortalecimento da soberania alimentar, para fortalecer esse projeto de luta das mulheres do campo. Em relação ao papel da Igreja, sendo essa igreja em saída, é de grande importância no enfrentamento ao conservadorismo, ao fundamentalismo religioso. Quando a igreja se posiciona em momentos chaves, como na luta do marco temporal, é muito importante.

Zé Ricardo – MST: gostaria de provocar para que estamos em um tempo de esperança, mas também um tempo de luta, da ascensão do fascismo e do controle do agronegócio sobre os camponeses. A fome é parte inerente na busca por lucro. As doenças, assim como o covid, é parte desse modelo, a extrema violência, contra os povos, os casos de escravidão, as é parte desse modelo que está tirando todo de nós. Tiramos a figura do espaço de poder, mas vb não tiramos o fascismo, que está aí na bancada da bala, da bíblia e do boi.

É preciso discutir o uso da terra improdutiva, Enfrentar o modelo do agro, de forma organizada e forte. Combater a destruição ambiental, o envenenamento. É uma tarefa de todos nós e precisamos nos entender e estudar o que estão fazendo contra nós. A resistência se faz participando, nos articulando, nos unindo.

Estamos enfrentando um momento muito difícil, uma CPI pronta, que já está dada, que já tem as punições organizadas. É uma luta que está caindo em nosso colo, em nosso nome, mas é de todos nós, movimentos e povos que estão na luta de classe. É tempo de lutar!

Lidenilson –MCP

Gostaria de pontuar quatro questões importantes que precisamos estar atentos, que são questões fundamentais: as condições de alta dos juros, uma questão que impacta todos os brasileiros e brasileiras no prato, no acesso ao básico. A luta ambiental, a defesa da Amazônia, dos nossos territórios, da nossa sobrevivência. A questão da fome, que assola os mais vulneráveis. E por último o processo de reformulação e reforçar a nossa organização popular para o enfrentamento da fascismo. Entendemos que a Igreja tem o papel fundamental de apoiar e fortalecer nossa luta.

Enquanto ação prática, destaco a Campanha semente da vida, para construir uma política de combate a sementes transgênicas e conservação das sementes crioulas. Convidamos a todos para participar do seminário desta campanha.

Dani - MAB: Para nós do Movimentos dos Atingidos por Barragens, temos feito uma análise, e trago para vocês um pouco dessa nossa preocupação em relação à energia. A questão da energia é o ponto chave das mais recentes guerras e cenário político. Para nós, a nova tecnologia do hidrogênio é uma questão para ficarmos atentos. É preocupante quem vai se apropriar disso. Nós do Brasil, temos um conjunto de bases naturais muito vantajosas, sendo assim, os olhares para nós serão evidentes. Observando a lógica do agronegócio, nossa avaliação é que essa nova tecnologia vai seguir o mesmo caminho, onde o Brasil será apenas de exploração.

Leila Denise - MPA Brasil: O MPA neste período de mudança de um governo mais favorável, está se rearticulando. Nós somamos aos pontos já trazidos e trago um pouco de análise em relação a este novo cenário político que ajudamos a eleger, que entendemos termos sido um ponto chave. Ainda estamos sofrendo as consequências de um projeto de morte e a fome, é o principal resultado desse projeto. Que perpassa por questões como a destruição do meio ambiente, racismo, LGBT+fobia etc. Estamos na luta pela segurança alimentar, por um alimento agroecológico, por abastecimento popular. Aqui no territórios, estamos tentando nos somar a própria 6SSB, construindo com os demais movimentos e articulações locais. Estamos articulando também para construir a festa camponesa, um momento de festa com o seminário com o tema "Democracia e esperança" para o chamamento para as questões da agroecologia, segurança alimentar e luta por direitos.

José Ricardo - MST: gostaria de provocar para que estamos em um tempo de esperança, mas também um tempo de luta, da ascensão do fascismo e do controle do agronegócio sobre os camponeses. A fome é parte inerente na busca por lucro. As doenças, assim como o covid, é parte desse modelo, a extrema violência, contra os povos, os casos de escravidão, é parte desse modelo que está tirando todo de nós. Tiramos a figura do espaço de poder, mas não tiramos o fascismo, que está aí na bancada da bala, da bíblia e do boi.

É preciso discutir o uso da terra improdutiva, Enfrentar o modelo do agro, de forma organizada e forte. Combater a destruição ambiental, o envenenamento. É uma tarefa de todos nós e precisamos nos entender e estudar o que estão fazendo contra nós. A resistência se faz participando, nos articulando, nos unindo.

Estamos enfrentando um momento muito difícil, uma CPI do MST pronta, que já está dada, que já tem as punições organizadas. É uma luta que está caindo em nosso colo, em nosso nome, mas é de todos nós, movimentos e povos que estão na luta de classe. É tempo de lutar!

Lidenilson – MCP: gostaria de pontuar quatro questões importantes que precisamos estar atentos, que são questões fundamentais: as condições de alta dos juros, uma questão que impacta todos os brasileiros e brasileiras no prato, no acesso ao básico. A luta ambiental, a defesa da Amazônia, dos nossos territórios, da nossa sobrevivência. A questão da fome, que assola os mais vulneráveis. E por último o processo de reformulação e reforçar a nossa organização popular para o enfrentamento da fascismo. Entendemos que a Igreja tem o papel fundamental de apoiar e fortalecer nossa luta.

Enquanto ação prática, destaco a Campanha semente da vida, para construir uma política de combate a sementes transgênicas e conservação das sementes crioulas. Convidamos a todos para participar do seminário desta campanha.

Pe. Dário – Comissão Igrejas e Mineração – CEPAST

O enfrentamento dos movimentos do campo é para além dos ataques recentes, mas de mostrar os nossos valores. Os relatórios de enfrentamento trazem não só os conflitos, mas uma extrema violência e complexa situação de posse da terra, contra os verdadeiros habitantes do território.

Dom José Ionildo – Prelazia de Itacoatiara

Enquanto CPT, nosso papel é estar junto aos camponeses e camponesas. Uma presença de aspecto jurídico e de mostrarmos que eles não estão sozinhos. Somamos a questão da água com a terra, por entender que um perpassa pelo outro, assim em conjunto com os pescadores. Também estamos na luta contra o trabalho escravo, tráfico de pessoas e na luta junto aos povos indígenas. Como igreja, estamos presentes nesses espaços para somar, seguindo o papa, sendo uma igreja em saída.

Nonato – CPP Nacional

Como o papa mesmo disse, não há contradição entre o que as pastorais sociais e os movimentos sociais fazem. Sendo ambos a defesa pela vida, pelo povo e pela natureza.

Estamos enfrentando um pacote de aniquilamento, e enquanto igreja e movimentos proféticos, não podemos ceder frente a oficina do capital. Essa aliança entre movimentos e pastorais é essencial para essa luta.

Dom José Reginaldo – diocese de Jales e CEPAST

A primeira questão observada, é o fortalecimento dos movimentos e pastorais, de forma concreta.

Uma outra questão que apareceu é uma análise de enfrentamento ao capitalismo internacional, países, corporações que nos afeta.

Sandra Quintela: pensar a integralidade dessa luta, é de extrema importância. Precisamos construir nossos laços e luta. O relato que ouvimos hoje é de muita preocupação. Estamos vendo em toda América Latina essa busca desenfreada por recursos naturais. Esse modelo capitalista não tem raciocínio, será o lucro pelo lucro. A previsão de lítio a ser utilizada nos próximos 20 anos é 6 vezes maior da extração que estamos fazendo agora, só para termos uma ideia do ataque extrativista predatório que nos espera.

Tirar o governo anterior não adianta, não estamos em 2013, ainda estamos com desafios muito grandes, sem diálogo com a câmara e precisamos ir para a rua, dar nosso grito.

Daniel Seidel: a Igreja está vivendo silenciamentos e censuras. Quem dera se tivéssemos o povo na rua, como na Colômbia, por exemplo. Trazendo todas as demandas e relatos colocados aqui, **como articular? Como convergir?**

Temos um cenário de uma elite instaurada, que controla e como enfrentar isso? Trago a fala inicial de Dom Valdeci, precisamos de esperança e de solidariedade. Precisamos de educação popular e não nos dispersamos daquilo que é fundamental.

Frei Dotto: gostaríamos que esse momento fosse presencial, mas sendo online, não nos impediu de termos um momento riquíssimo. Em resumo ao que ouvimos hoje, as palavras são resistência e mobilização. No dia 31/07 faremos um momento presencial na sede da CNBB com os resultados do diálogo até agora e com a possibilidade de decisões comuns.



Participantes: 47 pessoas.

Pauta

Acolhida; apresentação do objetivo e programação.

Exposição dom Valdeci.

Escuta dos Movimentos Populares: Teto/Moradia:

Principais desafio e estratégias de atuação/resistência;

Como a igreja em conjunto com os movimentos populares pode fortalecer a luta pela TETO?

Apresentação dos acúmulos sobre TETO 6ªSSB.

Agradecimentos e encerramento

Mística: Afoxé do Mutirão:

<https://www.youtube.com/watch?v=ugBXj6rfSmk>

Exposição dom José Valdeci

Trazendo a reflexão na parte da manhã, sobre a igreja em saída. O Papa Francisco chama para olharmos para as cidades a partir de um olhar contemplativo que nos leva a perceber os sinais de vida, mas também os sinais de mortes, presentes nos mundo urbano e nas comunidades rurais. Dentre os desafios, as casas, e prédios, são construídas mais para separar e isolar, que proteger e abrigar. A falta de saneamento básico, a violência, estão evidentes no mundo urbano e são grandes desafios que nos questionam em como enfrentar.

Escuta dos Movimentos Populares: Teto/Moradia

Marcelo Edmundo – Central dos Movimentos Populares

A igreja é fundamental para esse debate por direito a teto e moradia. Pois está presente desde a criação dos direitos de moradia. A principal função da propriedade, garantida na constituição, é a produção de alimentos ou moradia. Porém, esse direito não é respeitado quando acontecem os despejos de famílias para entregam as propriedade para os grandes empresários etc.

Quando veio a criação do “Minha casa e minha vida” fizemos um grande esforço para incluir as entidades para realizar as construções. E ficou provado posteriormente que as casas construídas pelas entidades, foram feitas com maior qualidade.

Mesmo com nossa articulação, com o “Minha casa, minha vida entidades”. ainda tínhamos muito a melhorar, como a localização das casas etc. A partir do governo Temer, o que já não era o ideal, mas que estava avançando aos poucos, foi paralisado.

No governo Bolsonaro, a situação chegou ao momento mais crítico. O governo anterior tinha destinado 35 mil reais, o que é insignificante. Com a vitória do governo Lula, conseguimos aprovar no final do ano passado, a destinação de 10 bilhões. O que muda muito nosso cenário. Esse novo projeto traz aspectos bons e ruins. Um exemplo é o espaço também de plantio. Como negativo, tivemos o aumento de valor mínimo para quem ganha até 8 mil, valor para atingir a classe média, porém o ideal seria um outro projeto destinado para a classe média.

Estamos esperançosos, pois o cenário político agora cria condições de conseguirmos fazer a luta por moradia. O que antes estávamos apenas resistimos.

Pablo Bandeira -Movimento dos Trabalhadores por Direitos: No eixo por diretos, nós do MTD estamos na luta por moradia, do habitat, por cidades mais sustentáveis e justas.

A luta por moradia no último período foi de fato muito difícil. A pandemia escancarou esse problema de déficit habitacional. Tivemos seis anos de apagão de direitos públicos. Agora será um alento, a volta do "Minha casa, minha vida", mas ainda é bem pouco em relação a demanda. Hoje o número de famílias ao ponto de serem despejadas é muito maior, e perpassa a casa dos 10 milhões.

Precisamos muito da ajuda da igreja e movimentos sociais, em nível nacional, mas também regional. Nas bases, nas comunidades. Nas ocupações, falta o básico de assessoria técnica para as famílias disputarem editais, por exemplo.

Taciene Soares - Rede Jubileu Sul: trago um pouco da minha vivência nos territórios. Nesses espaços de lutas e convivência, aqui em Fortaleza. Nos últimos anos, com a pandemia, é assustador o número de pessoas sem moradia. Aqui, por exemplo, a praia "Do futuro" sempre foi um lugar de passagem de quem está em situação de rua, mas nesses últimos anos, existem comunidades de famílias que estão morando na orla de forma fixa.

Outro ponto que gostaria de dar destaque é que a luta pelo teto precisa vir junto a luta por outros direitos também, como a luta pelo alimento, pela luta contra a fome.

A "Minha casa, minha vida" é um instrumento importante para a luta por casa e moradia, sem dúvida, mas quando vamos em busca por direitos nas prefeituras etc, muitas vezes o projeto é usado como resposta. " Está dentro do perfil, então vai." "Temos apenas um número X de recursos para o projeto" ou em muitos casos, em locais inviáveis para as famílias, que não tem transporte, escolas nas proximidades, posto de saúde, etc. É preciso que as infraestruturas cheguem junto com a moradia.

"A luta por moradia não é só pelo teto, mas pela dignidade"

Vladimir - Jubileo Sul: as igrejas são espaços de desabafos, de receber e acolher a população, com certeza, mas também de ação. Falamos da Igreja em saída, libertadora, mas precisamos nos questionar para onde essa igreja está saindo. A Igreja e as pastorais sociais estão onde não podemos estar.

Marcela Vieira - Cáritas Brasileira, Jubileu Sul: trago nesse momento a importância desse espaço construído pela 6SSB. Tivemos nos últimos dias, a notícia de 3 pessoas morrendo de frio. É importante lembrarmos o nosso papel e como foi mencionado, precisamos garantir não só as moradias mas todos os direitos para que possamos ter dignidade. Aqui na Amazônia, temos a questão dos desmatamentos e as comunidades que estão em constante ameaça.

Ary - Serviço Pastoral do Migrante: estamos em apoio aos movimentos sociais. Trago aqui a importância de olharmos a questão da moradia, sobre a ótica dos migrantes e refugiados, que também estão na luta por moradia e direitos.

Dani - Movimentos dos Atingidos por Barragens: em comunhão com as demais pessoas que falaram, trago aqui a questão das tarifas que essas famílias da cidade e do campo pagam. A luz e a água que são básicos é um desafio para as famílias, sobretudo aquelas que recebem as casas em locais distantes e que muitas vezes não conseguem pagar as contas. Um problema estrutural fruto de uma privatização crescente. De barragens sendo construídas sem o olhar para as comunidades remanescentes.

Robson - Fórum Economia Popular Solidária: é importante denunciar o que são essas casas nas comunidades que estão saindo, onde uma família com 5 ou 6 pessoas, vivem em um móvel de 15m sem janela, sem nada. Chamo atenção também para a questão da formação. Estamos enfrentando o crescimento do fascismo e precisamos combater isso através da formação de base.

Apresentação dos acúmulos sobre Teto 6 SSB

Sandra Quintela: Nossas falas são um acúmulo de tudo que viemos discutindo nos últimos anos, sobretudo na pandemia, através das inúmeras lives e momentos. Em nosso momento hoje, ouvimos muitas falas sobre direito à moradia, mas atrelado aos direitos básicos, com olhar para as mulheres, que são na sua maioria nas ocupações, é uma realidade.

Friso também, uma questão importante, que é a questão da violência, do crime organizado que cresce, sobretudo nas cidades, fruto de uma política de armamento dos últimos anos.



Participam 35 pessoas.

Pauta

Acolhida; apresentação do objetivo e programação.

Exposição dom Valdeci.

Escuta dos Movimentos Populares: TRABALHO

Principais desafio e estratégias de atuação/resistência;

Como a igreja em conjunto com os movimentos populares pode fortalecer a luta pela TRABALHO?

Apresentação dos acúmulos sobre TRABALHO 6ªSSB.

Agradecimentos e encerramento

Exposição dom José Valdeci

Citando dom Pedro Casaldáliga sobre a urgência da “conversão do império”. Um dos riscos que as pastorais sociais e os movimentos populares correm é a cooptação.

Papa Francisco ressalta que é possível sonhar um Planeta que garanta terra, teto e trabalho para todos. Esta é a paz social que desejamos.

O Papa na Fratelli Tutti diz que “a grande questão é o trabalho”, participação à criação de Deus, promoção plena do ser humano. Ajudar os pobres com dinheiro deve ser sempre um remédio provisório, o melhor remédio é garantir vida digna através do trabalho. Não há pobreza pior do que aquela que priva do trabalho e de sua dignidade. Aqui está a missão da política.

Dom Valdeci destaca sua preocupação com respeito ao trabalho escravo e às migrações de trabalhadores nordestinos para o sul e sudeste, com perigo de exploração e falta de dignidade.

Recorda, inclusive, de acidentes que vitimaram vários destes migrantes em busca de trabalho.

É uma ferida aberta que deve nos preocupar.

Escuta dos Movimentos Populares Trabalho

Paulo de Oliveira (CSB – Central dos Sindicatos Brasileiros)

Passamos por um momento de grande ataque nas organizações sindicais e o movimento dos trabalhadores. A reforma trabalhista ainda tem grandes repercussões na sociedade e na estrutura das organizações sindicais. Saímos de um modelo chamado “Ponte para o futuro”, que na verdade não garantiu geração de emprego e segurança jurídica aos trabalhadores. Depois, entramos em quatro anos desastrosos, que estimulou trabalho escravo e infantil.

Agora, há ansiedade por uma mudança de cenário que ainda não aconteceu. Há uma luta nas bases do governo atual. Liberais e progressistas juntos no executivo não estão garantindo muito avanços. Há mudanças institucionais na criação de um grupo tripartite para oferecer uma proposta de legislação ao Congresso.

Nos territórios, precisamos integrar mais a relação entre Igreja e o movimento sindical, considerando que as lutas por dignidade são as mesmas. Outra frente é o combate às fake News e notícias distorcidas: um compromisso pela “boa palavra”.

Marcela Vieira (agente Caritas e integrante da Articulação Brasileira da Economia de Francisco e Clara):

Considera o aumento da taxa de desemprego ao longo dos últimos anos. Com o novo governo, há uma retomada da Secretaria Nacional de Economia Solidária, coordenada por um militante a nós próximo, o Gilberto Carvalho.

Também houve a retomada do Conselho Nacional de Economia Solidária e da Frente Parlamentar pro Economia Solidária. Até hoje não se conseguiu regulamentar uma lei de fato.

Um avanço é colocar na agenda federal do Conselho de Economia o fomento à economia solidária. Isto tem a ver com o chamado de Papa Francisco.

No tempo de pandemia e de crise, a economia solidária conseguiu no micro, “nas fissuras que o capitalismo abre” (Paul Singer), dar respostas de esperança.

As redes de cooperação solidária da Cáritas são uma experiência importante, também na organização das feiras de Economia Solidária, na contramão do sistema.

Juçara (Movimento das Mulheres Camponesas):

O aumento dos Sem Teto e das expulsões de comunidades de suas áreas deve-se ao tempo difícil que passamos de Michel Temer até Bolsonaro.

A campanha pelo limite de propriedade da terra, infelizmente, não funcionou. Ainda há muitas terras públicas griladas. Não existe terra de ninguém, todas são terras públicas que precisam ser destinadas à reforma agrária.

Na pandemia, aumentou a concentração da riqueza e o empobrecimento da sociedade.

Robson (Escola de fé e Política da Diocese de Guarulhos - militante da Economia Solidária)

Não estamos aprofundando suficientemente a reflexão sobre economia política. É necessário retomar o processo de formação e aprofundar este conceito, para romper a economia neoliberal.

Boa parte de nossos movimentos pensa a dimensão do trabalho no micro; no macro, considera-se que o trabalho, visando o lucro dos empregadores, está se tornando cada vez mais escravo.

Critica a proposta de uma economia de feiras, que seria pontual e não transformadora. A economia solidária é uma alternativa que precisa se tornar de fato, de desenvolvimento.

Os governos locais não a consideram uma real alternativa. Trata-se de uma proposta real de alternativa sistêmica, principalmente em função do trabalho coletivo, e não individual.

os "informais" é uma forma concreta do empreendedorismo puro, que na prática é a estratégica do capitalismo pra se manter dentro da perspectiva do trabalho sem direitos e precários, ai nós vemos as igreja e setores dos movimentos aceitando estas alterações em relação ao trabalho.

Alessandra (6ª SSB)

A dimensão do trabalho é a mais palpável. Na sociedade de hoje, está posta uma necessária alternativa entre direitos e emprego.

O trabalho doméstico avançou muito nestes anos, com sinais frequentes de exploração.

O uso dos aplicativos na organização do trabalho é um caminho sem volta, que implica na autogestão do trabalho e no chamado "empreendedorismo individual", muitas vezes de diaristas. Precisamos acompanhar este mundo da informalidade, que precisa de organização.

Muitas lideranças sindicais vêm dos movimentos de Igreja. Resgatar isso aproxima mais a Igreja do mundo do trabalho.

É fundamental discutir o salário mínimo, extremamente defasado.

Alessandra Lazzari (Caxias do Sul, Juventude Operária Católica e P0)

Há uma especificidade da juventude. O trabalho ainda é central na vida do povo.

A uberização não está só no setor de transporte, mas entrando em outras áreas de comércio e serviços, reforçando a precarização dos trabalhadores/as. Há um grande número de trabalhadores/as na informalidade (40%). Precisa caracterizar melhor as atuais formas de trabalho e dar a elas mais segurança.

O número de desempregados segue bastante alto; juntando com os desalentados (que aceitam qualquer bico) chega-se a 15-18%.

É mais difícil alimentar uma consciência de classe. Há muito debate a ser feito sobre direitos como salário, jornada de trabalho, previdência...

A juventude precisa de programas de primeiro emprego, que realmente garantam aprendizagem e integração gradativa no trabalho.

Depois do primeiro emprego, a continuidade do trabalho é uma nova barreira, porque não está garantida.

A Economia Popular e Solidária pode ser apresentada como um projeto.

Kleybson (Movimento dos Trabalhadores por Direitos)

Desde que foi abolida a escravidão, esta foi transformada em trabalho precário, sem direitos.

A legislação chegou a legalizar o trabalho precarizado. Há uma necessidade de revogação desta reforma; não basta voltar às regras trabalhistas anteriores, é preciso construir algo que garanta de fato - na nova conjuntura- os direitos de trabalhadores/as.

A própria jornada de trabalho não tem uma regulação muito clara; há uma pulverização da classe trabalhadora no espaço urbano, o que complica a construção de identidade, a unificação e organização social. É importante um trabalho territorial, sobretudo nas periferias urbanas, neste sentido.

Destaque-se a experiência dos pontos populares de trabalho (RS e Argentina como modelo). Trata-se de iniciativas de geração de renda ligadas às necessidades da própria comunidade: limpeza da cidade por cooperativas, costureiras, etc. Há um incentivo para estabelecer formas comunitárias de trabalho e geração de renda, próximo à cultura da Economia Solidária e Popular.

Graça Andreatta (Piúma – Movimento Fé e Política; Coletivo de Formação do PT e Jornada Nova Primavera)

Há projetos para derrubar a organização popular, as comunidades eclesiais de base. A metodologia da educação popular é ainda muito preciosa e eficaz.

Como agente de pastoral, eu buscava os negros em casa para estudar. É importante o recorte racial do desemprego. É um pedido de socorro para os quilombolas.

Sandra Quintela (Jubileu Sul – 6ª SSB)

Não tem como desvincular os 3T. As migrações em busca de trabalho dependem muito, também, do modelo de agronegócio que expulsa pessoas. A instalação de grandes empresas garante trabalho local, mas também compromete por poluição a qualidade da moradia nos bairros populares e nas zonas de sacrifício. A garantia de emprego, frequentemente, corresponde à morte

Os movimentos de enfrentamento à mineração estão tentando envolver o diálogo com os trabalhadores.

A chegada da inteligência artificial está também comprometendo acesso ao trabalho das pessoas; igualmente, o trabalho permanece à base da sociedade.

A respeito da formação, recorda que a 6ª SSB e o Jubileu Sul organizaram um curso introdutório sobre economia política, que está no site da 6ª Semana.

Naira (CPT – Prelazia de São Felix do Araguaia)

Em nossa região os sindicatos estão corrompidos e a Igreja está também distante deles. A agricultura familiar continua sendo uma oportunidade, mas carece de formação das novas gerações e de oportunidades, já que todos os investimentos estão sendo direcionados para o agronegócio.

Pe. Dário (Comissão Ecologia Integral e Mineração – CEPAST e 6ª SSB)

O modelo que nosso País escolheu há tempo é de uma economia extrativa e predatória, principalmente funcional à exportação e reprimarizada. Neste contexto, as pessoas estão obrigadas a escolher entre seus direitos: ou o trabalho, ou a saúde e a moradia. Esta é uma violação radical da dignidade da pessoa e a torna uma peça funcional ao lucro de poucos.

Uma alternativa sistêmica é o fomento à economia do cuidado, em todas as suas formas (a relação com a natureza, com os espaços urbanos, com os espaços cooperativos, com as fragilidades nas famílias –idosos, doentes, crianças). Isto, inclusive, tem o potencial de reconhecer e valorizar o trabalho da mulher.

Uma outra oportunidade, como foi destacado, é a participação, com destaque para a economia solidaria, nas diversas esferas de relação com o poder executivo e legislativo (o PPA participado é um espaço útil).

Uma proposta de ação imediata que podemos assumir como Igreja é o compromisso pela aprovação de uma Lei para economia solidaria.

Paulo de Oliveira (CSB – Central dos Sindicatos Brasileiros)

Há contradições, sim, no sistema sindical. Mas o processo democrático tem remédio na luta por substituir representações que estejam corruptas ou resignadas.

Marcília (Brasília, Economia de Francisco e Clara, CNLB)

O sindicato tem um papel importante, mas fragilizado, fragmentado e desarticulado. Há uma descrença da população, precisamos reavivar e voltar a trazer debate sobre estes temas dentro da Igreja.

Wilkie (Nova Friburgo, Pastoral de Rua, animador LS e da Economia de Francisco e Clara)

Recorda uma frase provocante de Papa Francisco: “Estamos fazendo o suficiente para mudar a economia, ou estamos só mudando de cor uma parede da casa, que não abre caminhos novos, para que os próprios pobres possam se tornar protagonistas da mudança?”.

Precisamos desencantar um certo tipo de política e construir uma ação autônoma e independente do governo da hora. Os protagonistas são os trabalhadores/as, sem depender do Estado.

Síntese e propostas

Por Jardel (PO – Campanha contra a violência no campo e Incidência política compartilhada)

Muito do que foi comentado está na síntese “O Brasil que temos”, da 6ª SSB.

Destaca que o trabalho é fonte de vida, mas temos um número alarmante de vítimas do trabalho (acidentes e adoecimentos). Só em 2022, foram 612mil acidentes, com mais de 2mil mortes por acidentes de trabalho. De 2012 a 2022, tivemos 25mil mortos. Enterramos, mas não falamos, não estamos conseguindo dar visibilidade a esta urgência, que tem a ver com a precarização, a terceirização e o desmonte dos direitos trabalhistas.

- O trabalho é fonte de vida, mas também de exploração. Estamos vivendo uma grande mudança sistêmica na forma de organização do trabalho. A inteligência artificial traz uma mudança que não entendemos. Mudanças nos contratos e na legislação trabalhista, nos direitos e, portanto, na organização dos trabalhadores.
- A Igreja, que foi tão importante na organização dos trabalhadores (Rerum Novarum, congregações com foco no mundo do trabalho, padres operários...). Hoje a PO está enfraquecendo muito e em vários contextos foi expulsa de ambientes da Igreja. A JOC não faz parte do corpo organizado da Igreja, assim como o MPC, ambos sendo remanescência da Ação Católica. Há ausência de recursos para estas ações (só projeto do exterior) e ausência de prioridades (a Igreja nem fez uma nota sobre o 1 de maio).
- Estas mudanças são projeto do capital neoliberal (não só de um governo). Isso interfere na dignidade dos trabalhadores/as e se conecta às questões de Terra e Teto. O movimento de apoio às lutas por Terra é mais forte que aquele em defesa do Trabalho, que pode ficar ainda mais afetado.
- Na esfera do governo, temos espaço só para poucas negociações, tendo um Congresso extremamente desfavorável.
- A cultura do trabalho e sua narrativa mudou: não mais trabalhador, mas empreendedor. Isso enfraquece a narrativa.
-

O sindicato não representa mais a totalidade do mundo do trabalho (cada vez menos trabalhadores sindicalizados; a Igreja está estimulando cada vez menos a sindicalização e a inscrição a partidos). Há contradições no sindicato assim como há nos partidos e na Igreja. 75% dos trabalhadores de aplicativos não querem CLT: está instalada uma cultura do empreendedorismo individual e da liberdade. Como garantir os direitos e a seguridade social neste campo? É nossa missão escutar também estas pessoas. Há uma incidência política urgente e necessária no mundo do trabalho.

- Pouco a Igreja estimula a movimentos pastorais que saiam do campo eclesial. Evangelii Gaudium e Fratelli Tutti ainda não conseguiram provocar um movimento em saída da Igreja. Há uma demonização das pastorais sociais como “comunistas”.

- Atenção à deterioração do trabalho. Os desafios socioambientais têm mais evidência. Foi sugerido um seminário na 6ª SSB para aprofundar as mudanças no mundo do trabalho. A Igreja precisa ser ajudada a entender e reassumir o mundo do trabalho, como acontecia antes. Precisamos investir na formação de novos sujeitos: tem empresas que preferem pagar multas, para não precisar empregar jovens aprendizes. Há uma reestruturação pastoral a ser discutida, neste sentido.

- O trabalho na contramão do capital: a Economia de Francisco e Clara é uma oportunidade. Podemos estimular aproximações: Igreja e sindicatos; Igreja e movimentos políticos. Finalmente, há ações cotidianas que podem ser assumidas (solidariedade com os migrantes, os desempregados, etc.). Atenção a combinar com equilíbrio a ajuda emergencial e o combate às causas estruturais das contradições no mundo do trabalho.

Ao final foi mais uma vez destacada a importância da participação do momento presencial com a presidência da CNBB, com o objetivo de apresentar as demandas de como fortalecer os direitos por Terra, teto e trabalho.

Para mais informações:

semanasocialbrasileira@Cnbb.org.br

61-991424600 – Alessandra Miranda – secretária executiva 6ªSSB.